

MEDIDAS DE SEGURANÇA SANITÁRIAS

Caros espectadores, devido às medidas de segurança sanitárias, o acesso a todas as salas do Festival far-se-á mediante o cumprimento das seguintes regras, para cujo cumprimento apelamos.

1. Nos espaços com área de acolhimento reduzida, a entrada só poderá fazer-se na altura de abertura das portas das salas. Deverão pois esperar no exterior a abertura de portas.
2. Nos restantes espaços, e de forma a não ultrapassar a lotação permitida no bar ou no foyer, apelamos a que a permanência se limite ao estritamente necessário.
3. Agradecemos que sejam seguidas as normas de circulação sinalizadas, ou as que poderão ser indicadas pelos colaboradores que atendem ao bom funcionamento das salas.
4. Apelamos para que seja mantida a distância de segurança entre pessoas, e que todos desinfectem as mãos à entrada, e sempre que tal se justifique.
5. Deve ser respeitada a separação de cadeiras existente nas plateias.
6. O uso de máscara é obrigatório durante a permanência em espaços interiores.
7. A saída das salas deverá começar pela fila mais próxima da porta de saída.

O Festival garante a higienização de todos os espaços segundo as regras estabelecidas.

CÓDIGO QR DO PROGRAMA DO FESTIVAL DE ALMADA



TEATRO - ESTÚDIO
ANTÓNIO ASSUNÇÃO



38.º FESTIVAL de almada

Organização
Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada

02-25 de Julho de 2021

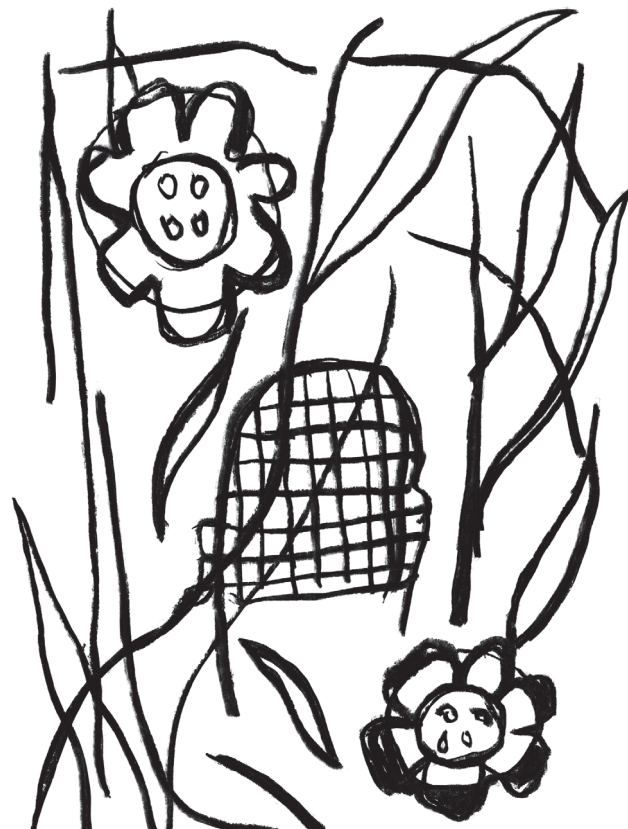


Imagem: Thomas Langley

Dentro do Covil
(Almada)

ESTREIA

Duas personagens

De Tennessee Williams
Encenação de Carla Galvão e Sara de Castro

Teatro-Estúdio António Assunção (Almada)

Qua. 7, Qui. 8, Sex. 9, Seg. 12, Ter. 13 e Qua. 14 de Julho às 20h30
Sáb 10 e Dom. 12 às 15h e às 20h30

Duração: 90 min. (aprox.) • Classificação: M/14

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

Criação, direcção artística e interpretação

Carla Galvão

Sara de Castro

Tradução

Diana V. Almeida

Consultoria dramaturgic

Ana Pais

Ana Tamen

Acompanhamento artístico

Rui M. Silva

Luna Rebelo

Concepção plástica

Eric da Costa

Luz

Teresa Antunes

Som

Sérgio Milhano

Duarte Moreira

Produção executiva

Raquel Sousa

Apoio

Ajidanha

Escola de Mulheres

GTIST

Teatro Extremo

Agradecimentos

Ana Pereira

Leonel Caldeira

É possível sobreviver sem comunidade?

Durante o confinamento, deparámo-nos com *The two character play*, uma das obras tardias de Tennessee Williams. É surpreendente perceber como o momento em que este texto foi escrito tem similitudes com o que vivemos agora, apesar de duas diferenças fundamentais: não existia uma pandemia, nem as redes de informação cibernética. Mas este texto data de 1973, no rescaldo da luta pelos direitos civis nos EUA, no tempo em que alguns ídolos, tal como agora, eram retirados dos pedestais, em que se destruíam estátuas, em que as minorias oprimidas exigiam igualdade. Agora, o movimento Black Lives Matter explode nas ruas de Minneapolis, depois da morte de George Floyd, e logo se incendiou por todo o Mundo. São tempos de emoções intensas, à flor da pele.

Ao mesmo tempo, o texto revela uma profunda reflexão sobre o próprio teatro, sobre os actores, os dramaturgos, sobre as estruturas que sustentam o teatro. A visão de Tennessee Williams é bastante corrosiva e pessimista, não colocando o ónus do desencontro entre o teatro e o público apenas no público, mas sobretudo no teatro, no seu carácter hermético, na sua incapacidade de comunicar com o presente. Nesse sentido, é uma reflexão com uma irónica dimensão meta-teatral.

É evidente a nossa identificação com a realidade vivida pelas duas personagens. A peça é atravessada por uma ideia que nos toca particularmente hoje: a fatalidade necessária (ou a necessidade fatal). Por um lado, os dois irmãos (no texto original) necessitam de fazer espectáculos para sobreviver, não têm outra opção. Por outro lado, não sabem que outra coisa fazer. A dimensão da fatalidade aparece também nesta incapacidade de “sair” do teatro.

A nossa proposta foi levar esta necessidade-fatalidade ao limite. Na nossa versão, duas actrizes, duas irmãs, têm de fazer um espectáculo sozinhas, sem rede. Criam, fazem a dramaturgia, escolhem o processo criativo, o método para chegar ao resultado final, decidem as luzes, a música, o cenário, os figurinos... E equacionam a possibilidade radical de dispensarem todo o suporte exterior, os frentes-de-casa, os técnicos, os diretores de cena, quando chegar o momento de realizar o espectáculo.

Não se trata de fazer uma apologia da centralidade da função do actor em detrimento de todas as outras. Pelo contrário, é uma experiência para sobreviver, revelando que o colectivo continua a ser a base fundamental do teatro e fazendo desta revelação uma metáfora sobre a nossa convicção profunda, que esta pandemia veio provar, de que é fundamental criar comunidade para se viver em sociedade. | **Carla Galvão e Sara de Castro**